

Cantora e compositora cubana Indira Castro completa três anos em Porto Alegre neste mês dedicado aos migrantes



Brasil, Caribe e África unidos pelos sons

Carol Zatt, especial para o JC

No Brasil, o Dia Nacional do Migrante foi criado por lei somente em 2023, para a Semana do Migrante e do Refugiado ser celebrada anualmente entre 19 e 25 de junho. Especialmente para a última década da cena musical do Rio Grande do Sul, a análise do fenômeno da chegada de artistas oriundos do Caribe e da África em crescente interação com a classe local tende a criar contornos positivos exponenciais. E as curadorias dos festivais de cinema pelo Interior comprovam que, já faz anos, realizadores do audiovisual gaúcho utilizam o suporte como meio de registro desse momento histórico.

“Por ter que me arremessar/ Em rezas dos meus confins/ Refazendo ainda que tarde/ As trilhas por onde eu vim/ Soprar a própria vida/ Se a vida assim deixar/ Sem rumo, sem destino e sem lugar” eram versos de uma música que o compositor Glênio Bohrer havia escrito sobre a questão dos migrantes, mas que não estava prevista para o repertório do seu álbum duplo, *Embaraço 1 e 2* (2025). No entanto, assistir um show de Indira Castro no Espaço 373, na Capital, influenciou para *Vozes da Liberdade* entrar no projeto. “Quando vi uma artista cubana morando em Porto Alegre, tive o ímpeto de conversar com ela”, conta Bohrer, que perguntou logo se ela poderia cantar uma música

sua. “Queria muito que fosse feita por uma pessoa que vivesse essa condição de ter saído do seu país e morar em outro, que cantasse em português com o seu sotaque e com o seu aprendizado da língua local de uma forma evidente. A interpretação realmente de alguém chegando num lugar novo”, relembra o compositor.

Para o autor, Indira é uma artista completa, com entendimento do que precisa interpretar. “*Vozes da Liberdade* era inicialmente um samba, que teve um arranjo mais caribenho por parte do produtor Cristian Sperandir. Existe um movimento permanente questionando os problemas dos movimentos migratórios, enquanto esses questionamentos esquecem da im-

portância que todos os imigrantes têm para a construção dos países no mundo inteiro. E, no nosso estado, isso é muito marcante.”

Andréa Cavalheiro, que abriu as portas do Grezz para a cubana se apresentar, lembra que também já esteve fora, no Rio de Janeiro e em São Paulo, dependendo de outras pessoas para poder ser conhecida: “A minha conexão com a Indira é muito desse lugar de mulher negra, mais ainda com o fato dela ter três filhos. Sair do país dela para vir para o nosso, viver de arte no Brasil. Indira é uma grande potência”.

Além do apoio da colega e do reconhecimento de Bohrer, a cubana de 37 anos, que está completando somente três de Porto

Alegre, cita as parcerias de Tuti Rodrigues (percussionista dono do estúdio onde a artista ensaia), do baixista Luciano De Leon como diretor musical, do pianista e compositor João Maldonado e de Bethy Krieger e Luizinho Santos do Café Fon Fon. “Sempre tive pessoas ao longo dessa caminhada aqui no Brasil, me indicando, me auxiliando com a questão da ingenuidade que trago de Cuba. ‘Guarda o celular nessa rua’. ‘Não deixa as crianças aqui’... Só recebi acolhimento, e o trato é maravilhoso. Tenho a melhor das opiniões dos gaúchos, que me ajudaram a iniciar. Andréa Cavalheiro foi a pessoa que me acolheu no seu espaço para eu brilhar”, afirma Indira.

“Tudo é troca”, já diria Giba Giba, em *Lugarejo*, composição com Wanderlei Falkenberg. Retratando o encontro de artistas imigrantes para juntos fazerem sua versão desse clássico do cancionista gaúcho, o documentário musical *Canção Imigrante* (2025), de Cléverson Borges e Pedro Guindani, concorre na mostra nacional de curtas do *Cinemató, festival de Cuiabá*, no fim deste mês.

Leia mais na página central



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Diálogos entre o Cinema e a Dramaturgia

Periodicamente, o cinema se volta para o teatro, ou a dramaturgia, em especial, para inspirar-se em alguns roteiros e concretizar filmes bastante interessantes. No Oscar 2026, duas obras que concorreram a premiações diversas, chamam a atenção, tanto de quem goste da arte dramática, quanto quem se interesse pelo cinema.

Na ausência do sempre respeitado Helio Nascimento, até há pouco coluna de página voltada ao cinema, vou ousar trazer alguns apontamentos a respeito de duas destas obras que acabaram por concorrer a diferentes premiações, justamente por suas qualidades.

A primeira delas, antes de mais nada pelas referências que traz, é *Hamnet: a vida antes de Hamlet*, baseado no romance da escritora irlandesa Maggie O'Farrell, que resultou num trabalho extraordinário, graças ao roteiro da autora e da diretora chinesa Chloé Zhao. Chama a atenção o fato de uma artista chinesa ter evidenciado uma identidade tão forte com um tema essencialmente vinculado à cultura ocidental, que é a tradição da obra de William Shakespeare, embora o cinema japonês já tenha se inspirado, também, no bardo de Stratford-on-Avon, pelo menos duas vezes, com *Trono manchado de sangue*, inspirado em *Macbeth* (1957) e *Ran*, baseado em *Rei Lear* (1985). Ambos os filmes foram assinados por Akira Kurosawa. No caso de *Hamnet*, acompanha-se a vida do jovem William que, ao conhecer Agnes, alegadamente filha de uma bruxa (Jessie Buckley), por ela se apaixona. Quando a jovem engravida e é expulsa de casa, o casal vai viver junto, com muita dificuldade.

Do casamento, nascem Suzanna, Hamnet e Judith, estes dois últimos gêmeos. William, na busca de realizar sua carreira, vive afastado de casa e assim quando por força de uma peste, Hamnet vem a morrer, passa por uma séria crise no relacionamento. Esta perda se torna motivo para boa parte dos diálogos e da emoção que marca a tragédia

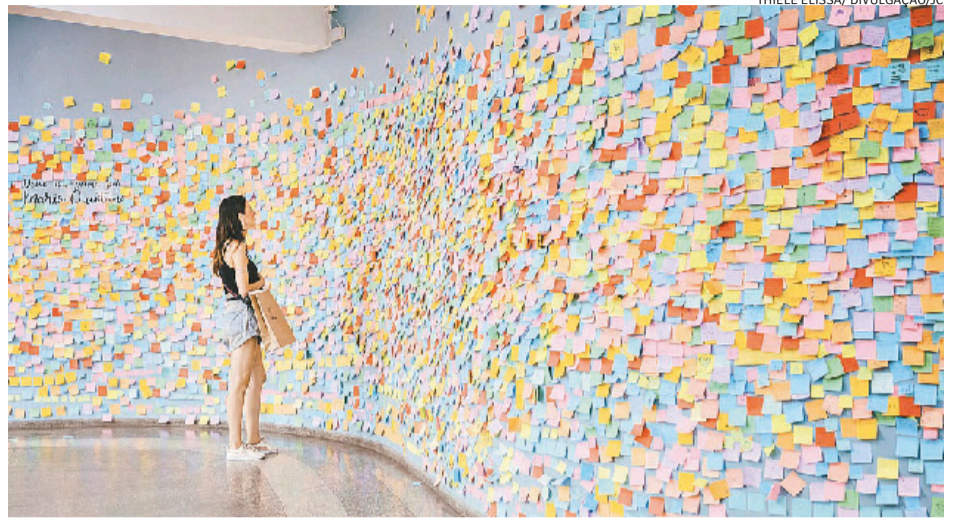
Hamlet que, em seguida, ele escreve e faz representar.

A reconstituição de ambientes, pouco romântica, e o desenvolvimento da trama, já se constituem em motivos mais que suficientes para se admirar a obra. Mas a última meia hora, quando a câmara acompanha a encenação de *Hamlet*, em pleno Teatro The Globe, a que Agnes acaba por assistir (o que a faz compreender o íntimo do marido dramaturgo, e o quanto a morte do filho o tocara), é um momento de obra-prima do cinema mundial. Com co-produção do diretor Steven Spielberg, o filme concorreu a um sem número de indicações aos mais variados prêmios. E de maneira justa, porque se trata, de fato de uma obra de exceção e que valoriza, profundamente, a encenação teatral, sobretudo aquela constituída na relação direta, sem qualquer intermediação, entre o texto do dramaturgo, personificado no ator, e o público. Obrigatório de ser visto.

Outro trabalho que tem o teatro e o cinema como tema central é *Valor sentimental*, do norueguês Joachim Trier.

O enredo gira em torno de um realizador cinematográfico, Gustav, vivido por Stellan Skarsgard, cujo casamento é bastante problemático, até a separação do casal. As duas filhas têm reações diferentes à experiência familiar: enquanto a filha mais moça se torna historiadora e pesquisadora, a mais velha se torna uma atriz de bastante sucesso, mas com muitos problemas a enfrentar, quer inclusive quanto a uma síndrome de pânico que experimenta a cada estreia, quer a relação problemática com o pai. O grande acerto do filme é que o narrador não pretende responsabilizar a ninguém pelos acontecimentos. Ele apenas os acompanha. No desenvolvimento da trama, acabamos descobrindo o "milagre" da arte: quando as filhas lêem o roteiro do último filme do pai, que ele pretende realizar, de certo modo como sua despedida, dão-se conta do verdadeiro sentimento do homem que imaginavam ser profundamente egoísta.

No Oscar, duas obras chamaram a atenção tanto de quem goste de arte dramática quanto de quem se interesse por cinema



Casa de Cultura Mario Quintana dá continuidade às comemorações dedicadas à obra do poeta

Atividades gratuitas celebram os 120 anos de Mario Quintana

Mais de três décadas após o seu falecimento, o legado de Mario Quintana continua a pulsar intensamente no imaginário cultural gaúcho e brasileiro, provando que a verdadeira poesia é imune à passagem do tempo. Para celebrar a perenidade de sua obra e saudar os seus 120 anos de nascimento, a Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ), dá continuidade às comemorações apresentando uma nova etapa de sua programação especial.

Entre os meses de julho e agosto, período que concentra o aniversário do escritor, a Instituição vai reunir uma série de atividades gratuitas inspiradas em temas recorrentes de sua escrita, como memória, humor, imaginação, cotidiano e cidade. Além das ações presenciais no Centro Porto Alegre, uma campanha comemorativa ocupará os mobiliários urbanos da capital, enquanto produções audiovisuais serão lançadas nas redes sociais da instituição.

No centro cultural, a efervescência artística começa dia 1 de julho, com a inauguração de uma intervenção artística inédita no mural do anexo da Biblioteca Erico Verissimo, na Sala de Artes. Assinada pela artista Cacau Weimer, a obra revisita o universo de Quintana e poderá ser visitada de terça-feira a domingo, das 10h às 18h. Essa ação integra-se a uma instalação educativa que percorrerá diversos espaços da CCMQ, diariamente, das 10h às 20h, estendendo-se até o dia 30 de agosto.

O calendário foi desenhado para contemplar todas as idades e expressões artísticas, incluindo mediações de leitura, percursos guiados, oficinas e apresentações de música e teatro. Os pequenos ganham atenção especial com o projeto *Eu, Passarinho: Mario Quintana para Crianças*, que acontece nas tardes de terça-feira de julho na Biblioteca Lucília Minssen, espaço que também sedia, no sábado, dia 18 de julho, a contação de

histórias *Lili Invento o Mundo*. A música ganha destaque na noite de 15 de julho, com o projeto *Quartas no Quintana's Bar*, apresentando o show *Camila Balbuena Canta Quintana* no mezanino do prédio. Para quem deseja explorar a geografia afetiva do escritor, o walking tour *A Porto Alegre de Quintana*, conduzido por Liane Neves no dia 4 de julho, propõe uma caminhada imersiva a partir da Sala Sérgio Napp.

A exploração do espaço prossegue no dia 18 de julho com a atividade *A Casa em Outros Olhares*, que descortina novas perspectivas sobre a arquitetura do local a partir da recepção da Ala Oeste. No dia 23 de julho, ainda ocorre a abertura simultânea das exposições *Das Ruas de Porto Alegre Onde Jamais Andarei* e *Quintana, Poesia em Movimento*, que ocuparão o Espaço Marilene Bertoni-cheli e a Fotogaleria Virgílio Calegari.

O diálogo literário ganha corpo no dia 25 de julho, com a atividade *Quintana Visita Verissimo* na Sala de Artes, mesmo dia em que a manualidade é estimulada na oficina *Quintana, Papel e Tesoura*, na Sala Hermes Mancilha. No plano cênico, o Teatro Bruno Kiefer recebe o espetáculo *Sobre Anjos & Grilos*, na noite do dia 29 de julho.

O ápice das comemorações ocorre no dia 30 de julho, data exata do aniversário de Quintana. Na ocasião, a CCMQ apresenta ao público, a partir das 10h, a renovação das exposições de longa duração dedicadas ao poeta, no 2º andar, trazendo novos olhares sobre sua trajetória e produção literária, além de um *Sarauzinho na Biblioteca Lucília Minssen*.

A agenda avança por agosto com a atividade *O poema que fugiu*, no dia 1, dentro do Espaço Oliveira Silveira. Fechando a programação, o Centro de Desenvolvimento da Expressão recebe, no dia 8 de agosto, uma oficina de ilustração com aquarela, com inscrições que abrem dez dias antes.

fique ligado

Tributo ao Rei do Pop

Rodrigo Teaser se apresenta nesta sexta-feira, às 21h, no Auditório Araújo Vianna (av. Osvaldo Aranha, 685), com a edição especial do show *Tributo ao Rei do Pop*. Ao lado do intérprete, sobem ao palco três profissionais que integraram as turnês originais de Michael Jackson: a guitarrista Jennifer Batten, o diretor musical e backing vocal Kevin Dorsey

e o coreógrafo Lavelle Smith. O espetáculo combina banda ao vivo, bailarinos, efeitos especiais, elevadores de palco e figurinos inspirados nas produções originais do astro.

A apresentação integra uma turnê especial pelo Brasil, impulsionada pela expectativa em torno da cinebiografia *Michael* e pelo ressurgimento global do

interesse pela obra do artista. O repertório reúne alguns dos maiores sucessos da carreira do artista, propondo ao público uma experiência imersiva que atravessa diferentes fases de sua trajetória. Os ingressos estão esgotados, mas o artista já confirma nova data na Capital, no dia 15 de novembro, com venda de entradas pelo Sympla.

ICARO TAVARES/DIVULGAÇÃO/JC



Com ingressos esgotados, Rodrigo Teaser faz show no Auditório Araújo Vianna nesta sexta-feira

Gilsons em turnê pela Capital

O trio Gilsons - formado por José Gil, Francisco Gil e João Gil, filho e netos de Gilberto Gil - se apresenta neste sábado, às 22h, no Auditório Araújo Vianna (av. Osvaldo Aranha, 685), com a turnê mundial *Eu vejo luz em maior proporção do que eu vejo a escuridão*. O show traz o repertório do segundo álbum de estúdio do grupo, lançado em março deste ano, ao lado de sucessos como *Várias Queixas* e *Devagarinho*.

Os ingressos estão à venda pelo Sympla e variam entre R\$ 115,00 a R\$ 590,00.

O novo disco marca uma expansão sonora que une a identidade já reconhecida do trio, com raízes na MPB, a texturas eletrônicas e *beats* contemporâneos. O álbum conta com participações de Arnaldo Antunes, Caetano, Moreno e Tom Veloso, Narcizinho do Olodum e a multi-instrumentista gambiana Sona Jobarteh.

Compositoras eruditas em destaque

O Quinteto Camélia, conjunto de câmara formado por cinco mulheres, se apresenta neste sábado, às 11h, na Cinemateca Capitólio (rua Demétrio Ribeiro, 1085), com entrada franca. O programa reúne obras de Emilie Mayer, Amy Beach e Chiquinha Gonzaga, com abertura do Grupo de Flautas Transversas AACAMUS e curadoria da Casa da Música Poa. Criado em 2024 com o obje-

tivo de valorizar compositoras no âmbito erudito, o grupo é formado por Maiara Mayer e Cibele Bartz (violinos), Sophia Willrich (viola), Isadora Gehres (violoncelo) e Angélica Molina (flauta transversal). O espetáculo integra a temporada 2026 da série *Concertos Capitólio*, que completa 11 anos como uma das principais iniciativas de música erudita gratuita em Porto Alegre.

Obras de Piazzolla no Centro Cultural 25 de Julho

O Centro Cultural 25 de Julho (rua Germano Petersen Júnior, 250) abre as comemorações de seus 75 anos com o show *Experiência Piazzolla*, do Grupo Toca, que acontece nesta sexta-feira, às 20h. Os ingressos custam R\$ 35,00 (meia-entrada) e R\$ 70,00 (inteira), e estão disponíveis site Tri.RS.

O quarteto formado pela pianista Mari Brito, o contrabaixista Ezequiel de Paula, o violista Vinicius Reis e o acordeonista Daniel Castilhos apresenta obras marcantes do compositor argentino, como *Oblivion*, *Libertango* e *Adiós Nonino*, com comentários sobre sua vida e trajetória entremeados à música.

AGENDA

🕒 **Sexta, dia 19, das 10h15min às 21h** - *Festival Sotiques do Violão* realiza concertos, oficinas e recitais no Teatro Bruno Kiefer e no Auditório Luis Cosme, ambos na Casa de Cultura Mario Quintana (Rua dos Andradas, 736). Entrada franca. Repete sábado, das 09h15min às 21h.

🕒 **Sexta, dia 19, às 19h** - Sessão de estreia no Estado da versão restaurada de *Vento Norte* (1951), de Salomão Scliar, clássico do cinema gaúcho. Na Cinemateca Capitólio (Demétrio Ribeiro, 1.085). Gratuito.

🕒 **Sábado, dia 20, às 18h30min** - Sessão de cinema no MAC RS (Comendador Azevedo, 256), com exibição do filme *Colegas*, dentro do projeto *Cine Sesc*. Aberto ao público a partir de dez anos, com entrada gratuita.

🕒 **Sábado, dia 20, às 19h** - Show de Ayrton Montarroyos e João Camarero em espetáculo que celebra a canção brasileira, no Instituto Ling (João Caetano, 440). Ingressos esgotados.

🕒 **Sábado, dia 20, às 20h** - Concerto de Loma Solaris e Orquestra Jovem do Rio Grande do Sul, com obras do cancionista gaúcho, da MPB e do universo pop, no Teatro Simões Lopes Neto (Riachuelo, 1089). Entrada franca.

🕒 **Sábado, dia 20, das 10h às 12h** - Oficina de dança contemporânea inspirada na obra de Hélio Oiticica, com a bailarina Camila Vergara e a arte-educadora Vitória Morlin. No Instituto Ling (João Caetano, 440). Inscrições a R\$ 70,00 pelo site do espaço cultural.

🕒 **Sábado, dia 20, às 21h** - Uma das vozes lendárias do samba brasileiro, Leci Brandão se apresenta no Teatro do Bourbon Country (Túlio de Rose, 80). A partir de R\$ 70,00 no Sympla.

🕒 **Sábado, dia, às 20h** - Banda Faichecleres se apresenta pela primeira vez no Ocidente (Osvaldo Aranha, 960) na festa *Blow Live*. Trio formado em Curitiba em 1997 terá Giovanni Caruso e Tuba Caruso da formação original. Gabriel Bozinho (Cachorro Grande) cuida do som depois. Ingressos no Tri.RS entre R\$ 40,00 e R\$ 80,00.

🕒 **Sábado, dia, às 21h** - Grupo catarinense importante da cena reggae desde os anos 1990, Dazaranha volta a Porto Alegre em show no Opinião (José do Patrocínio, 834) com novo repertório após lançamento de novo disco *Entre Cantos* (2025). Ingressos entre R\$ 50,00 e R\$ 100,00 pela plataforma Sympla.

🕒 **Sábado, dia, às 21h** - Projeto das artistas Adriana Defenti e Bruna Paulin, o baile-show *Banda das Ovelhas Desgarradas* reunirá canções compostas por mulheres. Evento inclui lançamento da plataforma Corimbo e show de abertura de Dançando Veloso. No Espaço 373 (Comendador Coruja, 373). A partir de R\$ 30,00 no Tri.RS.

🕒 **Domingo, 21, às 20h** - Sarau *Meus Discos e Nada Mais* tem edição especial de homenagem aos 80 de nascimento de Maria Bethânia, com a participação da bailaora e coreógrafa La Negra Ana Medeiros e do ator e diretor Leo Maciel. No Vague Disco Bar (Padre Chagas, 25). Ingressos a R\$ 20,00.

🕒 **Domingo, dia 21, às 14h** - Exibição do filme *Os Guarda-Chuvas do Amor* na Cinemateca Paulo Amorim da Casa de Cultura Mario Quintana (Rua dos Andradas, 736), dentro da programação da *Festa Da Música 2026* da Aliança Francesa Porto Alegre. Entrada franca.

🕒 **Domingo, dia 21, às 16h30min** - Mini-aula de francês para iniciantes com Jean-Luc Puyau, na Sala Caio Fernando Abreu, localizada no 3º andar da Casa de Cultura Mario Quintana (Rua dos Andradas, 736). Inscrições no site da Aliança Francesa Porto Alegre.

🕒 **Domingo, dia 21, às 18h** - Show da banda Crème de La Crème com Philippe Philippsen e Ariane Wink na Travessa dos Cataventos da Casa de Cultura Mario Quintana (Rua dos Andradas, 736). Evento da programação da *Festa Da Música 2026* da Aliança Francesa Porto Alegre. Entrada franca.

🕒 **Domingo, dia 21, às 19h** - Bianca Gismonti apresenta pela primeira vez músicas de seu novo álbum, *Percutante*. No Espaço 373 (Comendador Coruja, 373). Ingressos entre R\$ 50,00 e R\$ 120,00 pelo Tri.RS.

reportagem cultural



LEO SALVADOR/DIVULGAÇÃO/JC

Indira Castro foi atração do *Festival Fronteiras*, na Praça da Matriz, com *Tributo a Nina Simone*

Próximo destino: palcos gaúchos

Carol Zatt*

Indira Estevez Castro nasceu em 9 de maio de 1989 em Holguín, Cuba. O nome escolhido por sua mãe, Grisell, homenageia Indira Gandhi (única mulher a ocupar o cargo de Primeira-Ministra da Índia, com forte liderança política no século XX). A tradição de homenagens femininas seguiu mais uma geração, com a cantora dando a sua filha Sarah o segundo nome de Grisell, assim como sua avó materna. A dor da perda de sua mãe, aos 20 anos, é muito marcante na sua trajetória, inclusive a fez largar a faculdade de Medicina. Para ela, foi um processo delicado aprender a curar a ferida e cantar sem reviver as lembranças. No entanto, apesar de ter tido sempre a música próxima em sua vida, o seu sonho de infância era ser dançarina, fazer balé clássico, o que não foi possível por ser uma criança gordinha até os sete anos. “Depois, fui muito magra. Em Cuba, tem que ter o físico, no início, eles não me aceitaram nem na ginástica.”

Cantar e compor eram um destino traçado. Antes de chegar em Porto Alegre, em junho de 2023, Indira ainda tinha passado um ano com os dois primeiros filhos pequenos no Suriname, onde morava o irmão. Lá conheceu seu atual marido, com quem teve o último bebê já na capital gaúcha, para onde veio por ter uma amiga médica da época da graduação, mas ainda não se habituou ao frio.

Em 2024, lançou por aqui o EP *Eso que nunca pasará*. “É principalmente sobre isso, mulheres

que, às vezes, acham que têm tudo em um relacionamento, mas, quando ele acaba, descobrem que têm muitas virtudes e mais personalidade que não conseguiam expressar.”

Versátil para interpretar em espanhol, inglês e português, e passeando entre diversos gêneros musicais com propriedade, Indira tem uma nova faceta a apresentar no próximo mês em palcos dos teatros do Sesc no Interior do Estado. Ela foi convidada por Paulo Inchauspe para integrar o projeto *Rock Gaúcho na Voz Delas*, de 12 a 25 de julho, junto com as cantoras Ju Sanpe e Camila Orsatto.

“Essa ideia nasceu quando chegamos ao 26º feminicídio no Estado. Tava trabalhando na Rádio América BR e vi essa notícia, e me dei conta que o rock gaúcho tem poucas mulheres expoentes e não havia um tributo em que só elas cantem os clássicos. Aliás, as três pessoas que convidei não têm nada a ver com o rock, o que é o mais legal de tudo. Ouvi a Indira cantar e pensei: Cara, essa guria é fora da curva. Apresentei a ideia para ela e ela comprou”, narra Inchauspe.

O diretor do espetáculo admite que ainda não viu interpretando rock gaúcho, mas que soube que ela foi cogitada para ser backing vocal do TNT uma época: “Já vi ela cantando rock, e ela ‘tem manha’, sim. Vai ser super divertido de fazer, porque são três mulheres com estilos completamente diferentes e cantando clássicos da produção musical gaúcha. São 12 músicas, quatro para cada uma e, no final, as três cantam três músicas juntas”.

A voz familiar é ancestral

São novos sons vindos de Caribe e África: Haiti, Cuba, Suriname, Venezuela, Costa do Marfim, Nigéria, Angola, Cabo Verde e Guiné-Bissau. Outras dessas “vozes de liberdade” descritas por Glênio Bohrer que despontam na cena musical gaúcha contemporânea são o produtor, pesquisador, palestrante e Mestre de Saberes nigeriano Idòwú Akínrúli e o rapper angolano Kizua Trindade, cujo fruto da parceria iniciada em 2022, o álbum e videoclipe *Lá no Bairro*, foi apresentado ao público gaúcho no início de maio no Espaço 373.

Idòwú (do *Tributo a Fela Kuti* e *Festa Savannah - The True African Xperience*) já soma uma extensa contribuição audiovisual sobre a cultura ancestral. Ele participa há muitos anos da Semana da África na Ufrgs em maio, estava no início de junho envolvido com celebração do Ano Novo Yorubá 10.068 e trabalha ainda na produção do documentário *Outset*, em que uma das trajetórias migrantes apresentadas é justamente a do jovem Kizua. “Esse título faz referência à raiz, para trazer a história profunda da pessoa.” O

nigeriano é da tradição do Ifá, de matriz africana, enquanto o angolano é cristão. O primeiro chegou ao Brasil em 2010, por Belo Horizonte, passou por São Paulo e, dois anos depois, se estabeleceu no Sul. Kizua também chegou em Porto Alegre em 2012, ainda adolescente, vindo junto com a família, pois seu pai ganhou uma bolsa de estudos para o mestrado em Tecnologia da Informação na Ufrgs.

Vivendo no Brasil há mais de 13 anos, o jovem teve que lidar com as diferenças culturais, a distância do seu país e com a dura

realidade do racismo e da xenofobia. Episódios dessa natureza também foram vividos por Idòwú na Capital. Nas suas rimas e *beats*, o angolano consegue expressar e trabalhar essas situações, trazendo ao mundo letras com histórias, sentimentos e reflexões, contando sempre com a influência do produtor, desde a sonoridade até o figurino das apresentações. “Ouvindo sua voz, que soava familiar, fui me encontrando, encontrando irmãos”, destaca o rapper. O músico nigeriano explica que a “familiaridade”, na verdade, é a ancestrali-

dade, e orientou o jovem a buscar se reconectar com a sua história em suas letras. “Quanto mais sei quem sou, mais vejo as coisas que posso. E eu, fora do meu território, fui fazer essa ligação. Por isso, a importância de eventos como a *Semana da África*”, relata Kizua.

Idòwú escreveu uma faixa sobre Banzo, “meus ancestrais, me levem pro lar”, que faz parte da trilha do longa *Sete Prisioneiros*, da Netflix. O trabalho do angolano já chamou atenção de artistas como Negra Jaque, Paulo Dioniso, Cachola e Dj Abu, entre outros.



Curta *Canção Imigrante* traz instrumentistas venezuelanas e percussionista da Costa do Marfim

Quando o audiovisual registra um momento histórico

A produção musical de artistas haitianos no Brasil já foi tema até de um doutorado concluído recentemente na Universidade de Oxford, com bolsa da Fundação Stuart Hall. A pesquisa do etnomusicólogo e historiador Caetano Maschio Santos começou ainda no mestrado em Música na Ufrgs, em 2016. Expoente desse fenômeno, quem jogou para a tela suas vivências e puxou para si o protagonismo do tapete vermelho do *Festival de Gramado*, com destaque, pela primeira vez, foi o compositor Alix Georges. Sediado em Encantado, ele realizou dois curtas-metragens lançados em coautoria com o cineasta gaúcho Henrique Lahude (do premiado *Chibo*).

Fê Mye Talê (Tudo vai ficar bem, logo) registra a diáspora haitiana no Estado e participou da mostra de curtas gaúchos em 2018. Já *Drapo A (Bandeira A)*, em 2002, levou troféu de Melhor Produção Executiva e Menção Honrosa pelo desafio da realização e pela força cênica de Clao Brigile. E quem também participa da trilha de *Fê Mye Talê* é o nigeriano Idowú Akínrúli, entrevistado da página ao lado, reforçando a importância das conexões nesse cenário cultural. Alix, no longo

período em que morou em Porto Alegre, foi outro trabalhador árduo pelo reconhecimento de sua música. Chegou até a gravar uma versão do *Canto Alegretense* em francês para impulsionar a divulgação do *Música'mente, Vol. 1*, seu CD lançado na Capital em 2017.

Já a produção documental pelotense *Nesta terra não tem mar*, de Manu Zilveti, repercutiu no festival da Serra Gaúcha em 2024, vencendo justamente a categoria de melhor trilha sonora (feita pela atriz Edneia Brazão e por Pedro Erler), do Prêmio Assembleia Legislativa - Mostra Gaúcha de Curtas. No argumento, um casal de jovens imigrantes vislumbra o fim de seu relacionamento das praias de água doce em meio ao inverno gaúcho e as saudades do oceano. Paulo vai voltar para Guiné-Bissau, enquanto a cabo-verdiana Edneia escolhe seguir estudando Música no Brasil.

Em 2025, *Imigrante/Habitante*, de Cássio Tolpolar, saiu do mesmo certame com os prêmios de Roteiro e Montagem. O diretor ainda trabalha com Modou Awa Dieye na produção do curta *Malick*, sobre história verdadeira do jovem senegalês que foi vítima de tráfico humano.



O rapper angolano Kizua Trindade e o produtor nigeriano Idowú Akínrúli

Entrevista com Bruna Paulin

Criadora e apresentadora do projeto "A História do Disco", a artista, comunicadora, curadora e produtora Bruna Paulin foi responsável pela pesquisa musical do curta "Canção Imigrante" e assina ainda o roteiro, ao lado de Stern e Guindani.

A pesquisadora explica que o proponente do projeto, Augusto Stern, é um grande parceiro de trabalho há quase 15 anos. "Em funções diferentes ao longo da vida, mas sempre trocando muito. E, quando ele trouxe a proposta, a ideia era que a gente fosse tentar trazer trajetórias e pontos de vista muito diferentes", detalha.

Continue a leitura da conversa com a profissional:

JC - Viver: Como foi o processo de pesquisa musical para *Canção Imigrante*? Podes contar um pouco da história desse projeto e como chegaram nesses três cases?

Bruna Paulin: Começou na busca dos personagens; não queríamos retratar realidades óbvias. Sabíamos que ia ter temas e vivências que iam costurar esses encontros, mas a ideia era que fossem pessoas de personalidades e trajetórias diferentes. Fizemos uma pesquisa bem grande; nossa ideia é que também tivesse algum imigrante árabe, sírio, enfim, mas nós não encontramos ninguém da música que tivesse disponível. Obviamente, entrevistamos mais pessoas do que esses três cases. O que fez a gente fechar essa seleção foi essa diversidade de personalidades e de trajetórias. A outra questão era disponibilidade, pois havia outros personagens que eram super interessantes, mas que não estavam mais em Porto Alegre quando a gente conseguiu viabilizar a produção. Então, tem uma questão prática, que é a própria viabilidade do projeto, execução, cronograma, estar presente para filmar, para ensaiar, e também essas trajetórias diversas que a gente acreditava que iam agregar nesse resultado final.

Viver: Há outros títulos realizados no RS nos últimos anos que abordam a relação dos migrantes com a música aqui neste território. Como voz especializada na área audiovisual, enxergas esse como um momento histórico, um marco delimitado na produção contemporânea na cena musi-

cal local?

Bruna: Sobre essas obras que estão surgindo aqui, acho que elas têm muito reflexo nisso, que eu estava falando desse ponto de partida. Cada vez que eu via uma pessoa de fora chegando em Porto Alegre, pensava: Nossa, que interessante vai ser se vierem músicos, ou se essas pessoas começarem a fazer música aqui. Essa mistura de sonoridades enriquece qualquer coisa. A nossa música brasileira é tão rica, tão abundante, exatamente porque a gente tem sonoridade dos povos originários, de pessoas vindas de África, sonoridades afrodiáspóricas. A gente tem música europeia, mas a gente também teve migração japonesa, coreana, árabe. Tudo isso influencia em fases diferentes da história da música brasileira e os ritmos regionais. Então, acho que isso é totalmente esperado, e também um retrato geracional do que a gente está enxergando. Vivemos uma onda migratória diferente de outras gerações que receberam outras. Acho que sim, é um marco histórico, porque está registrando nossa história nesse momento. Daqui a alguns anos, a gente vai olhar pra ele e tenho certeza que vai se conectar, vai lembrar de coisas e se surpreender.

Viver: Participaste da escolha do título para nominar o curta?

Bruna: Quando a gente falava de *Canção Imigrante*, era exatamente como a ideia do projeto era perceber um fluxo migratório diferente na cidade, enxergar figuras, corpos diversos que não faziam parte do nosso cenário antes e entender que essas pessoas trazem consigo as suas características culturais de cada local que vêm (a sua música, o seu ritmo, o seu jeito de cantar, de dançar). E a música brasileira é totalmente essa miscelânea de territórios e de personagens, de localidades diferentes. Ainda, mostrar como é que a nossa música vai ficar depois que essas canções imigrantes começarem a se misturar com o que a gente já produz aqui. Esse é o grande mote: como é que a música vai se adaptando às suas localidades e se misturando.

Viver: O que a nossa criação, da Capital e/ou do Estado, ganha musicalmente com o acréscimo, a entrada desses representantes de outras culturas tão ricas e tradições musicais

bastante distintas?

Bruna: Acho que a gente só ganha, não tem como não ganhar, porque quanto mais a gente enriquece o nosso ouvido, a nossa sensibilidade com outras sonoridades, mais interessante a fruição artística. Falando individualmente, o ouvinte, quanto mais ele absorve sonoridades, mais vivencia experiências sonoras diferentes, estéticas diferentes, está abrindo o ouvido pra possibilidades maiores, pra experiências mais ricas. O custo-benefício, vamos dizer, do ouvinte é genial. Da cena musical, vou me repetir um pouco, mas é um enriquecimento absurdo. Vamos transpor para a criação musical de Gilberto Gil e Caetano Veloso pós-exílio. Eles foram para lá e resgataram sonoridades ancestrais, trouxeram coisas que eles não tinham colocado ainda na música deles por conta da saudade do Brasil, da reconexão com a sua terra, por estar longe por ser migrante. Obviamente, já tinham conexão com a música contemporânea popular jovem britânica e norte-americana, mas tiveram muito mais porque estavam lá numa Londres explodindo com o rock britânico. Conheceram artistas de outros lugares do mundo (África, Jamaica, Caribe, Oriente) e ouviram música feita na Europa de outras nacionalidades. É óbvio que isso tudo contaminou da maneira mais positiva possível a produção musical. Então, é a mesma lógica.

Viver: Consegues lembrar de outros exemplos?

Bruna: Não tem nada de muito diferente, mas a popularização do candombe em Porto Alegre nos últimos anos. E isso obviamente tem a ver com gente do Rio Grande do Sul que está indo para o Uruguai passar férias ou trabalhar, participar do *Festival da Canção La Serena*. Assim como tem muito artista do Uruguai que vem para cá ou que mora aqui. Esse vai e vem de informação mais cedo ou mais tarde vai começar a aparecer nas obras.

Viver: Haveria algum ritmo, instrumentação ou nome que destacarias?

Bruna: Estou muito curiosa para enxergar o *cuatro* mais inserido nas criações, se misturando com sonoridades mais brasileiras. Esse instrumento de corda acústico venezuelano pequeninho, que lembra um cavaquinho.



Carol Zatt é jornalista cultural, mestre em Comunicação, especialista em Arqueologia e Patrimônio e pós-graduanda em Psicanálise. Membro da Associação de Críticos de Cinema do Rio Grande do Sul (Accirs), é curadora e jurada em eventos artísticos.



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Relação atormentada na Alemanha comunista

Kairós (Companhia das Letras, 392 p., R\$ 129,90) romance da consagrada e multipremiada romancista alemã Jenny Erpenbeck, nascida em 1967 na Alemanha Oriental onde vive até hoje, foi o vencedor do International Booker Prize de 2024. Jenny foi a primeira alemã a receber o prêmio.

A obra tem sido comparada a livros de autores como Kundera, Thomas Mann, Annie Ernaux e W.G. Sebald; foi muito elogiada pela crítica internacional e parte significativa do público adorou o livro, que tem sido considerado um clássico contemporâneo e uma das maiores narrativas publicadas depois da queda do Muro de Berlin, em 1989. *Kairós* é o deus grego do momento oportuno, do instante certo, da ocasião ideal e combina muito com a história dos personagens e com a época da queda do Muro.

Com prosa sofisticada, reflexiva, moderna, recheada de aná-

lises psicológicas e referências culturais, artísticas e históricas da Berlim Oriental dos anos 1980, Jenny narra o encontro casual, em 1986, de Katharina (19 anos, solteira, jovem estudante), com Hans (escritor, casado, mulherengo, de 53 anos). “O egocentrismo dos amantes e sua descida a um vórtice destrutivo permanecem conectados à história mais ampla da Alemanha Oriental. O que torna *Kairós* tão incomum é que ele é ao mesmo tempo belo e desconfortável; pessoal e político”, destacou Elenanor Wachtek, presidente do Book Prize 2024.

A relação inicia com paixão e fascínio mútuo, mas aos poucos se torna marcada por controle, dependência emocional, ciúme e desequilíbrios de poder. Abuso, manipulação, violência, obsessão e ódio vão tomar conta da história de amor atormentada, que pode ser vista como uma metáfora política e um espelho da crise e do colapso da Alemanha Orien-



tal, um sistema político que nasceu de ideais e acabou por tornar-se opressivo e insustentável.

O romance mistura memórias positivas e críticas ao sistema e a autora procura mostrar a complexidade daquela sociedade em vez de retratá-la apenas como boa ou má. Ótima literatura, como se vê.

e palavras...

TRANSECOLOGIA

Especialmente nas últimas seis ou sete décadas, para muitos consideradas como tempos distópicos e apocalípticos, muito se tem falado, estudado e discutido sobre crise do meio ambiente, ecologia, sustentabilidade, economia verde e outros temas, em nível global. Talvez motivados pelas muitas, grandes e rápidas transformações que nunca foram tantas no planeta; os humanos nunca se preocuparam tanto com o meio ambiente e com o que vão deixar para filhos, netos e bisnetos, caso não ocorra o fim do mundo, como muitos acreditam.

TransEcologia - Um guia patafísico para habitar as transformações do mundo (Crítica-Planeta do Brasil, 176 p.) de Brigitte Baptiste-Ballera, bióloga colombiana formada pela Pontifícia Universidade Javeriana, na Colômbia e Mestre em Estudos Latino-Americanos, com ênfase em Conservação e Desenvolvimento Tropical pela Universidade da Flórida, é uma obra que pretende auxiliar os leitores a encontrarem ideias e ferramentas que lhes permitam atravessar, à sua maneira, a mudança que estamos vivendo.

Brigitte foi diretora, por quase dez anos, do Instituto de Pesquisa de Recursos Biológicos Alexander Von Humboldt e desde 2019 é reitora da Universidade EAN, voltada ao empreendedorismo sustentável. Em 2025, foi escolhida pela BBC como uma das 100 mulheres que inspiram e influenciam o mundo, na categoria de pioneiras do clima.

A partir do que batizou de ecologia *queer*, Brigitte nos convida a repensar as formas de consumo, o padrão de povoamento global e as projeções demográficas

que, somadas à revolução digital e a uma transição energética obrigatória, poderiam nos ajudar a ganhar o tempo necessário para ingressar em um novo ciclo de transformações da Terra, evitar a nossa extinção e a de milhares de vidas não humanas.

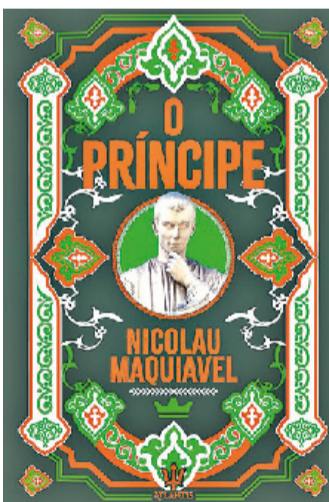
Brigitte escreveu uma obra ousada, com propostas criativas e transgressoras, inspiradas no profundo respeito e amor por todas as formas de vida, pela transformação constante e pelo mundo.

Com base em sua grande aprendizagem de campo como bióloga, a autora quer nos ajudar a tomar consciência das diferentes maneiras existentes de fazer ou abordar as ecologias, entendidas como interpretações das relações entre entidades humanas e não humanas, suas eventuais convergências ou divergências e seus efeitos na discussão internacional sobre a crise climática e a biodiversidade.

Para ela, tudo isso deriva da consideração e do questionamento da permanente transformação daquilo que reconhecemos como sistemas vivos entrelaçados ou interdependentes, e de sua apreensão e ressignificação permanentes em contextos de alta complexidade, motivo pelo qual ela fala de ecologia do trânsito permanente, devires ecológicos ou transições socioecológicas: em uma palavra, transecologia.

A obra fala de África, ecofeminismos e a progressiva irrelevância do gênero; trata de etnoecologias, ecologias da modernidade, ecologia política, ecologias de transcendência, ciberecologias e na conclusão trata da problema da sustentabilidade.

lançamentos



► **O Príncipe**, de Nicolau Maquiavel; 1984, de George Orwell, e **A Odisséia**, de Homero, são três dos 33 clássicos que a Editora Online lança pelo selo Atlantis, em cuidadosas edições em capa dura, com pintura trilateral, hot stamping e acabamentos de luxo. *Dom Quixote* e *Alice no País das Maravilhas*, entre outros títulos, estão na coleção Atlantis. Ótimos para colecionadores e para presentear.



► **O Nome da Ilha - El Nombre de la Isla** (Casa de Astérion, 144 p., edição bilíngue) de A.D. Cattani, escritor, sociólogo e professor universitário, autor de 30 obras acadêmicas e seis ficcionais, traz ficção, thriller judicial e reflexões sociais numa ilha isolada na Terra do Fogo. Duas famílias milionárias donas da ilha disputam um hotel de luxo abandonado. Desigualdade, dinâmica de poder e influência das elites estão na obra.



► **Um homem chamado opinião** (L&PM Editores, 252 p.) do consagrado jornalista e escritor Márcio Pinheiro, traz a brilhante e multifacetada trajetória do político, empresário e homem de cultura Fernando Gasparian. Ele criou o semanário *Opinião* e a revista *Argumento*, a editora Paz e Terra e a Livraria Argumento, órgãos de resistência à ditadura e foi deputado federal constituinte marcante.

a propósito

Em síntese, como disse a autora na página final, o livro é a palavra que partiu do seu corpo mutável (está vivo!) como o de todos nós, pessoas que se debatem no cotidiano para obter o que julgam necessitar; talvez apenas sobreviver em meio à crise climática, à crise da vida, ao paradoxal apogeu humano. A obra é um convite para acolher a transformação como

forma permanente de ser, para transitar, cada um a seu modo. A obra também é um chamado para reconhecer que não existimos isoladamente e que somos capazes de compartilhar um relato mais amplo, jamais autoritário e, sim, generoso, eficaz, justo e bem-intencionado. Mas nem por isso menos experimental ou menos estranho. **(Jaime Cimenti)**

sangue novo

O som onírico e premiado de Daniel Gnatali

Adriana Lampert

O mistério que antecede o amanhecer dita o tom de *Antes do Sol*, EP de estreia do cantor, compositor e multiartista Daniel Gnatali. Lançado nas plataformas digitais, o trabalho funciona como um convite à contemplação e inaugura um projeto duplo. Enquanto este primeiro volume mergulha em atmosferas oníricas e no folk-pop, o artista já prepara para o fim do ano o solar *Manhã de Festa*, voltado à celebração. “A divisão surge do contraste entre esses universos. Em vez de diluí-los, optei por evidenciar o movimento entre eles: do íntimo ao compartilhado”, revela o músico.

Essa busca por traduzir o mundo interno em canções ga-

nhou impulso na biografia recente do artista. Após passar quatro anos imerso na tranquilidade de Visconde de Mauá, vivendo “no meio do mato”, Gnatali retornou ao Rio de Janeiro em 2024. Para se ressocializar, começou a frequentar eventos de microfone aberto, onde conheceu a musicista Aline Lessa, parceria que gerou a composição que abriu as portas dos festivais. A resposta foi imediata: em seu ano de estreia, faturou seis prêmios em eventos do gênero pelo Rio e Minas Gerais. “Considero um sinal verde muito positivo, uma aprovação vinda de um lugar externo, porque o lugar interno para mim já tá aprovado. Tendo esse *feedback*, é uma camada extra de satisfação”, confessa o compositor.



Cantor, compositor e artista visual celebra o lançamento do EP *Antes do Sol* nas plataformas digitais

O som do disco transita entre o folk-pop e os veios profundos da MPB, com ecos das décadas de 1960 e 1970 e forte influência de Beatles. Gnatali costura com delicadeza melódica temas como origens e deslocamentos, garantindo que 100% das letras têm relação direta com sua biografia. Faixas como *Dear to me* e *Lady Lo* foram iniciadas há 15 anos com o co-produtor Gabriel Mayall e sobreviveram ao tempo. “Eu mudei como pessoa, mas as composições continuam muito queridas. Fico feliz por esse Daniel de 15

anos atrás ter existido e deixado essas músicas para a gente”, celebra o artista, hoje com 40 anos de idade. O fechamento com *Quando me mudei* flerta com o rock setentista e serve de ponte para o próximo EP, que trará samba, forró e grooves.

Essa costura musical evoca o peso do sobrenome que carrega. Sobrinho-neto do maestro gaúcho Radamés Gnattali - e filho do maestro Roberto Gnattali -, Daniel convive com um legado histórico imenso, mas sem cobranças. O momento é simbólico: Radamés

completaria 120 anos. “Minha caminhada é diferente da do meu pai e da do Radamés. Trago noções harmônicas da música anglo-americana para o xote de forma intuitiva, sem o conhecimento musical que eles têm. Sinto uma responsabilidade leve e gostosa de contemporizar o nome”, explica Daniel Gnatali, que também é artista visual e assina as capas do projeto.

Moldado ao lado do produtor Antonio Guerra, o EP conta ainda com as vozes de suas irmãs, Nina e Laura Becker.

qual é a boa?

Toda a semana, a equipe de redação do Jornal do Comércio vem com sugestões para melhor aproveitar a vida cultural de Porto Alegre no final de semana. Nesta edição, a gente garante que dá para curtir boas atrações de teatro, show e cinema



Programa bom de fazer neste final de semana: assistir a peça *A Mulher Que Virou Bode*. A montagem instigante resgata a história de Jurema Finamour, jornalista e escritora empoderada que acabou silenciada pela ditadura. O grupo Rakurs traz uma peça super dinâmica e nada linear, misturando teatro documental, dança, música ao vivo com canções de Antônio Villeroy e até recursos audiovisuais num cenário lindo trabalhado no azul Portinari. Com direção de Marcelo Bulgarelli e um elenco afiado que usa a biomecânica no palco, a montagem provoca: o que leva uma mulher a sumir da história? Bora valorizar o teatro local e conhecer essa mulher incrível!

Adriana Lampert, repórter de Cultura/JC



Para quem curte cinema, o começo de noite de sexta-feira reserva um compromisso imperdível em Porto Alegre. A Cinemateca Capitólio trará a sessão de reestrela no Estado do filme *Vento Norte* (1951), de Salomão Scliar, um dos clássicos inaugurais de toda a produção cinematográfica no Rio Grande do Sul. Em uma verdadeira epopeia do ponto de vista técnico, o filme foi resgatado dos arquivos da Cinemateca Brasileira a partir de cópias sobreviventes e passou por uma restauração cuidadosa, por iniciativa da Capitólio. A exibição é uma oportunidade de conferir o primeiro longa-metragem sonoro de ficção produzido no Estado. É gratuito, não dá para perder.

Igor Natusch, editor de Cultura/JC



Minha dica para este sábado é o show de uma banda que eu nunca vi ao vivo: os Faichecleres. O trio icônico do rock nacional, que muito fez minha cabeça na adolescência, sobe pela primeira vez no palco do Ocidente com Giovanni Caruso no baixo e vocal, Tuba Caruso na bateria e Thiago Rosiak na guitarra e vocal. Com muita influência de Beatles, Stones, The Who e da Jovem Guarda, no repertório, podemos esperar os clássicos picantes de duplo sentido do primeiro disco, *Indecente*, *Imoral* e *Sem Vergonha*, como *Ela só quer me ter*, *A boca dela* e *Metida demais*. Eu, particularmente, estarei aguardando ansiosamente para escutar a faixa *Alice D*.

Joana Luna, estagiária de Cultura/JC



A boa e velha sala de cinema, com seu cheirinho de pipoca e o mergulho na tela grande, é minha dica para este finde gelado. E o filme que provavelmente mais se sintoniza a esse clima é *Dia D*, a obra mais recente de Steven Spielberg, fechando a trilogia informal sobre o fascínio humano pela vida fora da Terra, que inclui os clássicos *Contatos Imediatos do 3º Grau* (1977) e *E.T., o extraterrestre* (1982). Na obra de agora, os personagens de Josh O'Connor e Emily Blunt, que se destaca em uma atuação tocante e divertida, correm contra o tempo para fazer uma revelação midiática que vai quebrar conceitos e mudar a vida no planeta. Mais uma obra imperdível do diretor.

Livia Araújo, repórter de Cidades/JC